



DOI: <https://doi.org/10.26694/cadpetfilo.v15i30.6311>

## NEOLIBERALISMO: UMA ENGRENAGEM NA CONSTRUÇÃO DE PRECONCEITOS

*Neoliberalism: a mechanism in the construction of prejudices*

Paloma dos Santos Machado<sup>1</sup>

### RESUMO

O texto a seguir explora como o neoliberalismo está profundamente enraizado nos problemas relacionados aos corpos evidenciando que, em vez de promover a liberdade que proclama, suas dinâmicas perpetuam regras que mantêm os corpos em estado de abjeção. Nesse contexto, o pensamento contemporâneo nessa área estabelece um diálogo relevante com a filosofia de Michel Foucault e Wendy Brown. Portanto, o presente artigo analisa o impacto do discurso de direita no contexto contemporâneo, destacando como ele molda tabus, censura e um “pânico moral” associado ao mito da “ideologia de gênero”, esses discursos promove o medo de uma suposta desordem de valores, a extrema direita usa a moralidade como ferramenta para justificar políticas neoliberais autoritárias que favorecem elites econômicas, enquanto atacam direitos iguais, a fusão do neoliberalismo com culturas locais permite a manutenção de estruturas patriarcais e conservadoras. O neoliberalismo, ao priorizar a austeridade fiscal, promove o desmonte do Estado social e fortalece o Estado penal, intensificando a repreensão contra aqueles que vivem a margem da sociedade, dessa maneira, a necropolítica reforça esse contexto, justificando a violência estatal em nome da ordem, assim, o racismo se adapta às novas dinâmicas capitalistas, perpetuando a exploração e o controle sobre os corpos negros, destacando sua instrumentalização no processo produtivo. Por fim, o presente artigo analisa por meio da visão foucaultiana, onde a polícia é um instrumento do Estado para disciplinar os corpos marginalizados e reafirmar desigualdades sociais, a crítica a noção de democracia racial e meritocracia, que mascaram as desigualdades ao sugerir que o esforço individual é suficiente para superar barreiras raciais, enquanto na prática esses conceitos só servem para perpetuar a exclusão, reforçando a posição subordinada dos negros na sociedade. Os meios de comunicação contribuem ativamente para essa narrativa, retratando os negros de forma estereotipada e limitando sua representação social perante a sociedade.

**Palavras-chave:** Neoliberalismo; filosofia; corpos; racismo.

### ABSTRACT

The following text explores how neoliberalism is deeply rooted in problems related to bodies, showing that, instead of promoting the freedom it proclaims, its dynamics perpetuate rules that keep bodies in a state of abjection. In this context, contemporary thought in this area establishes a relevant dialogue with the philosophy of Michel Foucault and Wendy Brown. Therefore, this article analyzes the impact of right-wing discourse in the contemporary context, highlighting how it shapes taboos, censorship, and a "moral panic" associated with the myth of "gender ideology." These discourses

---

<sup>1</sup> Graduanda em Filosofia pela Universidade Federal do Piauí e bolsista do PET Filosofia UFPI. E-mail: palomaachado@gmail.com



promote fear of an alleged breakdown of values. The far-right uses morality as a tool to justify authoritarian neoliberal policies that benefit economic elites while attacking egalitarian rights. The fusion of neoliberalism with local cultures allows for the preservation of patriarchal and conservative structures. Neoliberalism, by prioritizing fiscal austerity, promotes the dismantling of the welfare state and strengthens the penal state, intensifying repression against those living on the margins of society. In this way, necropolitics reinforces this context, justifying state violence in the name of order. Racism, in turn, adapts to new capitalist dynamics, perpetuating the exploitation and control of Black bodies, emphasizing their instrumentalization in the productive process. Finally, this article examines, from a Foucauldian perspective, how the police function as an instrument of the state to discipline marginalized bodies and reaffirm social inequalities. It critiques the notions of racial democracy and meritocracy, which mask inequalities by suggesting that individual effort is sufficient to overcome racial barriers. In practice, however, these concepts only serve to perpetuate exclusion, reinforcing the subordinate position of Black people in society. The media actively contribute to this narrative by portraying Black individuals in a stereotypical manner and limiting their social representation.

**Keywords:** Neoliberalism; philosophy; bodies; racism.

## INTRODUÇÃO

Vivemos em um período marcado por uma forma específica de opressão dos corpos, onde predominam a heteronormatividade e discursos de ódio da extrema-direita, e diversos outros fatores que mais do que nunca, parecem relegar certas manifestações às margens da sociedade na qual estamos inseridos. No entanto, este artigo tem como objetivo facilitar a compreensão ao reunir reflexões de pensadores contemporâneos como Wendy Brown e Archille Mbembe, em diálogo com as ideias de Foucault sobre o poder e neoliberalismo, destacando sua influência na construção dos corpos. O sistema neoliberal representa a forma predominante do modelo social, estruturado por um arcabouço ideológico e dispositivos de controle que exercem influência significativa no desenvolvimento dos indivíduos.

## DEFININDO O PROBLEMA

A contemporaneidade, assim como qualquer época desde o início da tradição filosófica, enfrenta problemas relacionados à nossa formação social e ao sistema político vigente, essas particularidades variam ao longo do tempo, impactando os mecanismos sociais de opressão e controle. Para compreender a forma que somos governados, é essencial identificar e nomear as características do período atual, bem como analisar como lidamos com suas especificidades. Somente dessa maneira poderemos desvendar de que



maneira o poder é exercido sobre os indivíduos. Para começar, o foco do nosso estudo será o neoliberalismo.

Para alguém não familiarizado com o debate político do nosso século, pode parecer que o neoliberalismo é “apenas” o modelo econômico predominante atualmente. No entanto, essa visão é equivocada. Segundo os filósofos marxistas Pierre Dardot e Christian Laval, o neoliberalismo constitui a razão contemporânea, moldando não apenas o funcionamento do mundo, mas também exercendo um domínio sobre as dimensões social e ideológica, essa perspectiva é destacada por Milton Ota no prefácio da obra dos pensadores:

Compreender o capitalismo é tomar a sério, com todas as consequências políticas, a heterogeneidade de sua morfologia social e suas modalidades práticas de dominação. É também reconhecer a necessidade de nomeá-lo a partir de sua atualidade histórica. (Dardot; Larval, 2007, p. 07)

Um dos principais tópicos do pensamento do filósofo francês Michael Foucault foi a sua Em outras palavras, o neoliberalismo é a expressão contemporânea do sistema vigente, exercendo uma vigilância ideológica constante sobre o imaginário da população, essa ideia foi intencionalmente implantada e, longe de ser sutil, foi introduzida de forma deliberada, especialmente durante o governo de Margaret Thatcher, que afirmou: “A economia é o método; o objetivo é mudar o coração e a alma”. No entanto, a “alma” mencionada não se refere a uma concepção metafísica, mas ao imaginário dos indivíduos, á forma como percebem, interpretam e compreendem o mundo.

Essa noção dialoga com dois pensadores fundamentais para entender os conceitos em questão, Karl Marx define ideologia como um conjunto de ideias e percepções mundanas inseridas pela classe dominante para moldar a visão de mundo da sociedade. Já Michel Foucault aborda como o poder em suas múltiplas ramificações e particularidades. A compreensão plena das contribuições de Foucault exige um aprofundamento maior, uma vez que ele explora as formas complexas e descentralizadas através das quais o poder se manifesta e se perpetua.

Nesse sentido já temos aqui a maneira com qual o sistema institucionalmente aparece como claro, conduto, se faz preciso um parêntese geral que julgamos e que se apresenta de maneira equivocada, o modelo com o qual lidamos se vende como propagador e protetor das liberdades individuais e parecendo contraintuitivo a atribuição que na verdade

o mesmo se apresenta como opressivo com relação a muitas das manifestações humanas, bom para início basta observarmos os devastadores efeitos que os mesmos causam na psique e no controle que o sistema apresenta nos corpos desviantes basta pegar de exemplo as conclusões do pensador Vladimir Safatle a respeito do tema:

Mas isso nunca funcionaria se não houvesse outra dimensão dos processos de intervenção social. Dimensão no qual podemos encontrar um profundo trabalho de design psicológico, ou seja, de internalização de predisposições psicológicas visando à produção de um tipo de relação a si, aos outros e ao mundo guiada através da generalização de princípios empresariais de performance, de investimento, de rentabilidade, de posicionamento, para todos os meandros da vida. Dessa forma, a empresa poderia nascer no coração e na mente dos indivíduos. (Safatle, 2021, p. 30)

Em outras palavras, esse método de inserção psicológica em que os cidadãos vivem se alinhando a concepção de poder de Foucault, segundo a qual os dispositivos de controle operam de maneira racional para manter as pessoas reféns da maquinaria do Estado. O que, á primeira vista pode parecer apenas um modelo econômico, revela-se como uma razão, uma forma de impor vontades e normatizar aqueles que são integrados ao sistema. Trata-se de uma estrutura que condiciona modos de agir e de vivenciar a existência, funcionando como uma máquina que suprime individualidades.

É importante destacar que o neoliberalismo não é um sistema pouco interventor, como pode parecer. Pelo contrário, ele opera de forma ativa para moldar comportamentos e relações, tornando os indivíduos doces, nesse sentido Foucault ajuda a compreender as dinâmicas dessa imposição. Nesse contexto, surge uma pergunta crucial: o que acontece com os corpos desfavorecidos por essa engenharia social? Como mencionado anteriormente, o neoliberalismo já ultrapassou as fronteiras do fazer político e econômico, adquirindo o status de racionalidade. Essa lógica inaugura algo peculiar e recente no fazer social: a culpabilização dos corpos.

Os “abjetos”, aqueles marginalizados pelo sistema, além de enfrentarem condições adversas, são abandonados e responsabilizados por sua própria situação. Eles são estigmatizados e excluídos, pois o sistema neoliberal também oprime e restringe aqueles que divergem de suas normas. Essa opressão começa pela economia, manifestando-se



primeiro como uma restrição material, seguida por diversas outras consequências. A abjeção contemporânea, nesse sentido, é uma forma de opressão única e profundamente característica de nosso tempo. Portanto, Foucault entende o neoliberalismo como uma racionalidade governamental voltada para a condução das contendas. Contudo, essa governabilidade fundamenta-se na própria limitação do governo, ou seja, em uma contenção que ele pode decidir exercer ou não.

## **PODER E SEUS DISPOSITIVOS DE CONTROLE**

Quando se trata de poder, o mesmo não vai se aplicar de modo repressivo mais como produtor de ideias, ideologias, comportamentos e dispositivos de controle, dessa maneira o poder perpassa as relações humanas, portanto, o poder é exercido assiduamente sob os indivíduos na sociedade, o pensamento foucaultiano de poder acontece como uma relação de forças, ou seja, vai estar presente em toda a parte, todos os indivíduos estão envolvidos sejam as suas próprias ou alheias. Agindo como em toda sociedade, em todos os lugares e em todas as pessoas, através de seus mecanismos de controle tal ação tem como propósito de disciplinar e controlar os indivíduos por meio de regimes de verdades que são empregadas e difundidas, segundo o autor

Se o poder fosse somente repressivo, se não fizesse outra coisa a não ser dizer não, você acredita que seria obedecido? O que faz com que o poder se mantenha e que seja aceito é simplesmente que ele não pesa só como uma força que diz não, mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discursos. Deve-se considerá-lo como uma rede produtiva que atravessa todo corpo social muito mais do que uma instância negativa que tem por função reprimir. (Foucault, 2013, p. 45)

Por “verdades”, entender um conjunto de procedimentos reguladores para a produção, a lei, a repartição, a circulação e o funcionamento dos enunciados.

A “verdade” está circularmente ligada a sistemas de poder, que a produzem e apoiam, e a efeitos de poder que ela induz e que a reproduzem. “Regime” da verdade.

Esse regime não é simplesmente ideológico ou superestrutural; foi uma condição de formação e desenvolvimento do capitalismo. (Foucault, 2013, p. 54)

Essas verdades pregadas vão contribuir para o desenvolvimento dos indivíduos e determinando o seu comportamento, o poder disciplina, adentra o corpo no intuito de

determinar a sua identidade. Para Foucault, a presença de dispositivos de vigilância com o intuito de identificar se os indivíduos estão rompendo com a identidade que lhe foi imposta, a polícia vai ser um braço constitucional do Estado que tem a função de reprimir o que não condiz com o discurso produzido pelo Estado, essa repreensão é violenta. A polícia vai determinar o lugar que os corpos pertencem, os discursos têm como exemplo a demarcação do sexo que é imposta bem antes do nascimento que tem como objetivo dá identidade e a performance que terá que seguir estritamente, no entanto, os discursos de poder vão dar materialidade aos corpos ou excluí-los.

Para que haja uma melhor compreensão de como vai agir a polícia, recentemente um projeto de lei foi aprovado pelo parlamento de Uganda que pune com até dez anos de prisão as pessoas que tiverem relações homossexuais ou que se identifiquem como LGBTQIAPN+, e pune em até cinco anos de prisão quem tentar “promover” a homossexualidade. Ou seja, esse método de inserção psicológica na qual os cidadãos vivem onde andamos de encontro com a concepção do poder para Foucault, na qual os dispositivos de controle partem de uma perspectiva racional para manter os cidadãos reféns da maquinaria do estado, o que em superfície parece um mero modelo econômico se apresenta como uma razão, uma forma de impor à vontade e trazer normatividade aqueles que são inseridos dentro do sistema uma maneira de agir e de vivenciar a existência estamos inseridos em uma máquina de suprimir individualidades os abjetos além de sofrerem com a situação nesse fazer são abandonados e culpabilizados, deixados de lado com um estigma pois esse sistema também restringe e oprime aqueles que são divergentes, como a opressão tem início pela economia primeiro tem a restrição material e em seguida as outras consequências, a abjeção contemporânea é uma forma completamente própria de opressão.

## **NEOLIBERALISMO E A EXTREMA DIREITA**

O pudor contemporâneo, moldado pela extrema-direita, é sustentado por tabus rigorosos que se esforçam por meio do silêncio imposto, ou seja, pela censura. O mito da “ideologia de gênero” é utilizado como ferramentas ideológicas para alimentar um “pânico moral”, que afeta principalmente Instituições ligadas á educação, propagando a ideia de que os valores morais estão em risco e que isso levaria á perda de pudor por parte



dos indivíduos. O avanço da extrema-direita, é um fenômeno de alcance global, tem trazido discursos que incentivam a violência como parte central de disputas políticas.

Essa violência é amplamente promovida como um meio de oprimir feministas e a comunidade LGBTQIAPN+, vistos como indivíduos “ameaçadores” que colocariam em perigo os valores familiares tradicionais. Em alinhamento com o discurso contemporâneo da extrema-direita, autoridades políticas promovem o medo em relação aos desafios e às hierarquias sociais, como as questões de gênero e raça. A crescente visibilidade das pautas defendidas por movimentos feministas e LGBTQIAPN+, alimenta a narrativas alarmistas, como a ideia de que o mundo estaria caminhando para uma “ditadura gay”. Esses discursos têm ganhado ainda mais força por meio da disseminação de *fake news*.

A ideia de que a “desordem de valores” está associada ao comunismo é frequentemente reforçada por desinformação disseminada por líderes religiosos, figuras públicas e parlamentares. Esse discurso alimenta um pânico moral que se torna uma ferramenta de controle, promovendo uma mobilização emocional e rápida de uma grande parcela da população, muitas vezes resistente a qualquer tipo de debate crítico. Entretanto, elementos excludentes, como o patriarcado e certas vertentes do cristianismo, representam desafios á legitimação da inclusão e dos direitos igualitários. Como consequência, esses elementos contribuem para fortalecer o autoritarismo do Estado, que se manifesta em forma de leis que atacam minorias. Esse autoritarismo, liderado por setores da extrema-direita, serve para proteger o projeto neoliberal, que prioriza os interesses das elites econômicas e mantém o sistema neoliberal intacto.

As questões morais levantadas pelos projetos políticos de extrema-direita funcionam como um elemento legitimador do neoliberalismo autoritário. Contudo, esse autoritarismo não deve ser entendido apenas como uma força que decide o que é aceitável ou não, mas como uma reconfiguração do poder estatal e institucional. Essa reconfiguração busca isolar projetos políticos e práticas institucionais que promovam o benefício coletivo. A defesa dos valores morais nesse contexto fortalece o papel do Estado em protegê-los, gerando um apelo por legislações que endureçam o policiamento e reforcem uma disciplina familiar rígida. Isso, por sua vez, cria uma “liberdade” para o uso da violência com o propósito de proteger a chamada família tradicional.

A análise de cada sociedade e suas características permite concluir que o neoliberalismo não se limita a ser um conjunto de políticas econômicas, mas constitui

também um conjunto de ideias que se adapta e se funde com as culturas e modos de vida. Em vez de promover liberdades individuais baseadas em direitos civis e de proteger os trabalhadores e minorias das forças do mercado, o discurso político da extrema direita prioriza a defesa dos valores tradicionais e da propriedade privada. Nesse contexto, reivindica-se uma liberdade centrada em valores da esfera privada, que deve guiar a conduta pública das pessoas. Como consequência, os indivíduos passam a se sentir livres para atacar aqueles que divergem desses valores e, em defesa da família e da propriedade, utilizam armas de fogo de forma deliberativa.

A profunda desigualdade nas estruturas de gênero, intensificada por discursos extremistas, reforça um cenário de despolitização e desmonte, no qual a responsabilidade é transferida para os indivíduos e “obrigados a sustentar a si mesmo, num contexto em que poderes e contingências limitam radicalmente sua habilidade de fazê-lo” (Brown, 2018, p.41). Nesse contexto, os indivíduos são responsabilizados pelas adversidades coletivas, ou seja, aqueles que estão à margem da sociedade são acusados de serem os culpados pelos fracassos do sistema.

Com apenas um capital humano competitivo e de valorização em foco, a desigualdade de gênero complexa e persistente é atribuída à diferença sexual, um efeito que o neoliberalismo tem como causa (...) Mais do que fracasso, a liberdade oferecida pela racionalidade neoliberal (liberdade da regulamentação do Estado e da provisão de necessidade) é literalmente invertida em novas formas subordinação de gênero, à medida que as mulheres continuam a ser as principais provedoras de trabalho de cuidado não remunerado e mal apoiado fora do mercado e cada vez mais com fluxos de renda individuais para elas e suas famílias. (Brown, 2015, p. 107).

Agora despojado de um lugar na linguagem, visual e discursivamente ausente da consciência pública essas forças que moldam a vida das mulheres são intensificadas pela privatização de bens públicos e pelos cortes dos benefícios do trabalho de meio período em que as mulheres estão desproporcionalmente empregadas (Brown, 2015, p. 106).

A filósofa Wendy Brown destaca, no trecho acima, o processo de classificação imposto aos corpos no momento do nascimento, atribuindo uma diferenciação binária e desigual que posiciona os indivíduos de maneira distinta no mercado. Por exemplo, os corpos feminilizados são vinculados à responsabilidade materna e ao núcleo familiar, o que é agravado pela privatização de bens públicos e pelo desmonte das políticas de cuidado.





Como consequência, isso intensifica a pobreza feminina.

Os processos de pobreza, precarização e fragilização econômica que atingem de forma recorrente pessoas negras, LGBTQIAPN+ e mulheres são reflexos diretos da governança neoliberal. Esses fenômenos são frequentemente legitimados por argumentos que atribuem desigualdade e supostas inferioridades e características naturais do gênero, associados ao sexo biológico.

Ressentimento, rancor, raiva, reação á humilhação e ao sofrimento – certamente tudo isso está em jogo nas mobilizações de extrema-direita. No entanto, política de ressentimento emerge historicamente dominantes na medida que sentem que o domínio está diminuindo – já que a brancura e masculinidade aparentemente não conseguem evitar os deslocamentos e perdas que décadas de neoliberalismo produziram para as classes trabalhadoras e médias (Brown, 2020, p. 55).

A criação de narrativas que atribuem a perda de riquezas de alguns não ao modelo econômico e social, mas á presença de grupos considerados “diferentes” dos padrões normativos, desvia o foco das verdadeiras causas, como o acúmulo de capital, a privatização e outros processos impulsionados pelo neoliberalismo. Esses fatores contribuem para o declínio dos projetos do Estado de bem-estar social, resultando no empobrecimento e na desproteção de mulheres e pessoas negras. Além disso, o discurso do “homem de família”, que preza pelos valores cristãos em uma perspectiva moralista e opressora, coloca em risco a existência e os direitos daqueles que são vistos como “o outro”.

## **RACISMO: CONEXÃO COM O NEOLIBERALISMO E A NECROPOLITICA**

O dispositivo da racialidade tem como objetivo subalternizar os seres humanos com base na raça. Em outras palavras, a raça atua como um dispositivo de poder que se organiza para produzir efeitos específicos, atribuindo características e posições sociais a indivíduos de forma diferenciada. De acordo com Michael Foucault, a biopolítica, que se transforma em biopoder, introduz três novos elementos: a noção de população (corpos múltiplos), o controle sobre fenômenos individuais e coletivos, e, por fim, o poder de “fazer viver” e “deixar morrer”.

Depois da anátomo-política do corpo humano, instaurada no decorrer do século XVIII, vemos aparecer, no fim do mesmo século, algo que já é uma



anátomo-política do corpo humano, mas que eu chamaria de “biopolítica” da espécie humana (...) trata-se de um conjunto de processos como a proporção dos nascimentos e dos óbitos, a taxa de reprodução, a fecundidade de uma população, etc. São esses processos de natalidade, de mortalidade, de longevidade que, justamente na segunda metade do século XVIII, juntamente com uma porção de problemas econômicos e políticos (...) constituíram, acho eu, os primeiros objetos de saber e os primeiros alvos de controle dessa biopolítica. É nesse momento, em todo o caso, que se lança mão da medição estatística desses fenômenos com as primeiras demografias (Foucault, 2000, p. 289-290).

Foi nesse momento que o racismo se inseriu como mecanismo fundamental do poder, tal como se exerce nos Estados modernos, e que faz com que quase não haja funcionamento moderno do Estado que, em certos momentos, em certo limite e certas condições, não passe pelo racismo (Foucault, 2002, p. 304).

A definição de corpos considerados adequados para sustentar o desenvolvimento capitalista determina quais grupos raciais serão vistos como apropriados para essa função. As predisposições raciais atribuídas a cada grupo humano orientarão essas escolhas. O embranquecimento, nesse contexto, constitui um projeto tanto estético quanto eugênico, funcionando como estratégia para promover grupos raciais julgados mais aptos a atender às demandas do capitalismo, para manter esse processo, torna-se essencial a produção de corpos dóceis e disciplinados. Nesse sentido:

(...) se o desenvolvimento dos grandes aparelhos de Estado, como instituições de poder, garantiu a manutenção das relações de produção, os rudimentos de anátomos e de bio-política, inventados no século XVIII como técnicas de poder presentes em todos os níveis do corpo social e utilizadas por instituições bem diversas (a família, o Exército, a escola, a polícia, a medicina individual ou a administração das coletividades), agiram no nível dos processos econômicos, do seu desenrolar, das forças que estão em ação em tais processos e os sustentam; operaram, também, como fatores de segregação e de hierarquização social, agindo sobre as respectivas tanto de uns como de outros, garantido relações de dominação e efeitos de hegemonia; o ajustamento da acumulação dos homens á do capital, a articulação do crescimento dos grupos humanos á expansão das forças produtivas e a repartição diferencial do lucro, foram, em partes, tornados possível pelo exercício do biopoder com suas formas e procedimentos múltiplos. O investimento sobre o corpo vivo, sua valorização e a gestão distributiva de suas forças foram indispensáveis naquele momento (Foucault, 2001, p. 132-133).

O biopoder não necessita da raça como uma categoria socialmente institucionalizada para justificar a morte; basta que existam hostilidade ou desprezo social amplamente consolidados contra um determinado grupo. É fundamental entender que, onde não há



interesse em ativar dispositivos de racialização, o foco passa a ser disciplinar ou controlar. Assim, o biopoder opera como uma estratégia de eliminação do ser considerado abjeto e indesejável, determinando, em última instância, quem deve viver e quem deve morrer.

Portanto como mencionado anteriormente, o dispositivo de racialidade define a vida ou a morte dos indivíduos. Essa determinação tem início na infância, onde a combinação de predisposições genéticas com condições de vida desfavoráveis reforça a ideia de que a negritude está associada a uma menor expectativa de vida, dada a ausência de condições favoráveis para um desfecho diferente. No ensaio intitulado Necropolítica, o filósofo camaronês Achille Mbembe reflete sobre a política da morte, explicando que a soberania se expressa na capacidade de decidir quem pode viver e quem pode morrer. Esse controle sobre a mortalidade representa uma forma de imposição e manifestação de poder.

É importante destacar que a conexão entre o neoliberalismo e necropolítica revela como essa aliança justifica diversas atrocidades cometidas pelo Estado em nome da ordem. A lógica neoliberal, pautada pela austeridade fiscal, promove o corte de recursos destinados aos direitos sociais para favorecer o setor privado. A adesão das classes dominantes á ideologia neoliberal resultou em uma transformação na esfera estatal: o desmonte do Estado social vem acompanhado do fortalecimento do Estado penal, que intensifica a repressão e a punição contra aqueles que não se encaixam nesse sistema opressor.

A necropolítica, o neoliberalismo e o racismo estão profundamente interligados. A lógica do sujeito em prendedor revela-se uma ilusão, pois o conhecimento histórico demonstra que, após a abolição da escravidão, os negros precisaram se reinventar para garantir a sua sobrevivência. O neoliberalismo agrava essa realidade, tornando-a mais cruel, já que aqueles que conseguem ascender socialmente são, em grande parte, os que contam com o amparo do Estado quando necessário. Isso ajuda a entender como o negro é frequentemente visto tanto como um produto quanto como uma ferramenta no processo de produção, “o racismo se revela cada vez mais adequado às novas formas de produção, atuando nas práticas de controle nas relações capitalistas”(Cardoso,2018). Com a industrialização, a escravidão passou a ser percebida como um problema social, contudo, isso não impediu que países como o Brasil continuassem a praticá-la por um longo período.

(...) o capitalismo é violência, é genocídio e envolve variados fenômenos antinegros nos níveis estrutural, sociocultural, simbólico e físico. O capitalismo é genocida. E o que isto significa? Que essas massas sobranes



não têm lugar nem função na sociedade burguesa, e que elas precisam ser eliminadas (Cardoso, 2018).

As principais vítimas das investigações e incursões policiais são, majoritariamente, pessoas negras. Essa realidade é evidente ao observarmos os noticiários diariamente, que trazem à tona corpos vilipendiados e inseridos em um contexto social de esquecimento e marginalização. A política de morte se impõe como uma ordem: essas pessoas, alvos da violência policial, são negadas tanto o direito à vida quanto a uma investigação justa.

Esse processo de desumanização dos negros na sociedade é alimentado por interferência do Estado, que reforça o lugar subordinado que lhes é imposto. Por não se beneficiarem do êxtase neoliberal, acabam relegados a espaços como as prisões, onde a maioria dos encarcerados é composta por pessoas negras. As ações policiais em comunidades vulneráveis intensificam o racismo estrutural, e a chamada “pacificação” dessas áreas nada mais é do que uma estratégia de higienização e silenciamento das populações indesejadas nos grandes centros urbanos.

Na visão foucaultiana, a polícia é uma extensão do Estado com o propósito de oprimir e eliminar os corpos considerados abjetos. Dessa forma, ela atua como um mecanismo para reposicionar esses indivíduos em seus lugares designados, exercendo a função de disciplinar esses corpos e reafirmar qual é o seu papel dentro da estrutura social.

No entanto, o ideal de branqueamento não foi abandonado; ele é imposto ao imaginário social pela cultura dominante, que constantemente exhibe seus símbolos e sucessos materiais como prova de uma suposta superioridade natural. Ao mesmo tempo, reforça-se sistematicamente a estigmatização da negritude. Assim, os meios de comunicação frequentemente retratam pessoas negras como representações da pobreza, miséria, analfabetismo e indigência humana. Para perpetuar esse mito, promove-se uma integração limitada e subordinada de indivíduos negros, em geral, não se afastam dos estereótipos amplamente difundidos nas imagens veiculadas por esses mesmos meios.

A negação do racismo está intimamente ligada ao conceito de democracia racial, que foi reforçado pela ideia de meritocracia. Segundo essa lógica, os negros que se esforçassem poderiam alcançar os mesmos direitos dos brancos. No entanto, esse conceito serviu apenas para perpetuar a desigualdade racial.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O neoliberalismo interfere na formação dos corpos por meio de suas ideologias, influenciando socialmente os indivíduos e moldando sua performance diante da sociedade. Esse processo os condiciona a uma identidade fixa, da qual dificilmente se desvencilham, devido ao receio de serem repreendidos de maneira violenta. Nesse contexto, encontramos no pensamento de Foucault a ideia de que o poder se manifesta por meio de discursos que atuam como mecanismo de controle, esses discursos não apenas regulam os indivíduos, mas também impõem identidades que são atribuídas a eles antes do nascimento. Portanto, a extrema-direita adota políticas neoliberais para atrair apoio de elites econômicas, como privatização e flexibilizações trabalhistas, criticando modelos de Estado de bem-estar social que visa beneficiar grupos marginalizados. Ambos usam mecanismos de controle sobre a sociedade, seja por meio de mercados desiguais ou pela imposição de valores autoritários e excludentes.

## REFERÊNCIAS

- BROWN, Wendy. **American Nightmare: Neoliberalism, Neoconservatism, and De-Democratization. Political Theory.** California, v. 36, n. 6, p. 670-714, dez 2006. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/20452506>>. Acesso em: 04 dez. 2024.
- BROWN, Wendy. Undoing the Demos: Neoliberalism's Stealth Revolution. United States of America: zone books, 2015.**
- CARDOSO, Francilene. **RACISMO E NECROPOLÍTICA: a lógica do genocídio de negros e negras no Brasil contemporâneo.** Revista de Políticas Públicas, v. 22, p. 949-968, 27 Set 2018 Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/rppublica/article/view/9828>. Acesso em: 4 dez 2024.
- DARDOT, P.; LAVAL, C.. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal.** São Paulo: Editora Boitempo, 2016.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder.** 27.ed.- SP: Graal, 2013
- FOUCAULT, Michel. **A Coragem da verdade: o governo de si e dos outros II.**
- FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade: curso no Collège de France.** São Paulo, Martins Fontes, 2002.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir.** Petrópolis, Vozes, 1987.
- SAFATLE, V; JÚNIOR, N. da S; DUNKER, C. **Neoliberalismo como gestão do sofrimento (Org.). São Paulo: Autêntica, 2020.** Eduardo Brandão. SP: Editora WMF. 2011.